

# humanitas

Vol. XLVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVI • MCMXCIV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



EURÍPIDES, *Hipólito*. Tradução do grego, introdução e notas de FREDERICO LOURENÇO. Lisboa, colecção *Mare nostrum*, Edições Colibri (Faculdade de Letras de Lisboa), 1993, 78 p.

Com a presente versão do *Hipólito* de Eurípidés inicia-se em boa hora a colecção *Mare Nostrum* das Edições Colibri, dirigida pelo Prof. Victor Jabouille. O começo não podia ser mais auspicioso. Não apenas pela apresentação de uma das obras maiores da tragédia grega — que ainda hoje, em plena era de ficção científica e de «realidade virtual», nos aterra e nos confunde! — como pela ousada e sedutora proposta de linguagem trágica a que F. Lourenço se abalança, nos caminhos da tradução.

A complementar o propósito expresso pelo director de *Mare Nostrum*, de «divulgar as obras clássicas de autores gregos e latinos, tornando-os acessíveis não só ao público universitário como ao não especializado», vem este primeiro texto antecedido de uma *Introdução*, sintética mas utilíssima, dividida em três partes: a primeira, «Considerações preliminares», refere aspectos genéricos do *corpus* eurípidiano e da sua recepção epocal; a segunda, «As duas versões do Hipólito», estabelece o confronto (possível...) entre os dois *Hipólitos*, detendo-se num alargado resumo crítico da versão que até nós chegou e duas suas vertentes interpretativas; a terceira, «O mito», expõe o complexo problema do mito, ou melhor, dos mitos presentes no *Hipólito*, perfilhando no geral as teses do Prof. Burkert, porventura a autoridade mais conceituada nesta matéria.

O conjunto da *Introdução*, se nem sempre colhe no pormenor (discutível ver em Fedra «uma figura de considerável dignidade» — p. 12 —, já que a vingança é um dos móveis do seu suicídio e da subsequente carta de acusação a Hipólito), constituiu indubitavelmente uma apresentação eficaz e cheia de interesse, quer no âmbito informativo quer no interpretativo. De reter, em especial, como aspectos inovadores na análise proposta, o aliciante confronto entre o dramaturgo de Salamina e o músico Richard Strauss, ou a fina exploração dos fios da peça como «drama de linguagem» (pp. 10-11 e 13-14).

Inovador é também o labor da tradução, a que não faltam subtis contextualidades com a literatura moderna (p. ex., «pensar racionalmente dói», para o grego τὸ ὀρθοῦσθαι γνώμην ὀδύνη, v. 246, p. 28 — numa clara alusão à «dor de pensar» pessoana). O aspecto mais visível, para o leitor comum, será talvez o compromisso explícito entre o tom «sublime» e o «coloquial», que se salda numa linguagem poética requintada, musical e rica de potencialidades expressivas. Compromisso «ousado», sobretudo possível pela subtileza expressa no manejo dos níveis de língua e da sua adaptação às personagens: da coloração coloquial das falas da ama e do servo ao tom mais elevado de Fedra ou Hipólito, e à ambivalência rebuscadamente poética (sem exageros ...) dos coros, a presente versão cola-se ao texto grego com uma natural elegância e maleabilidade, que dão um realce, por assim dizer, cinemático aos contrastes de personagens, sentimentos e situações.

Noutro plano, mais especializado, é evidenciável a correcção de equivalências vocabulares («Referência» para *Αιδώς* no v. 78, p. 21; «interferência divina» para *ἄτη* no v. 241, p. 28) ou de expressões como «não estou interessado em deuses que se limitam a taumaturgias nocturnas» onde o grego tem *οὐδεις μ' ἀρέσκει νυκτὶ θαυμαστός θεῶν*, a que podemos juntar (entre muitas outras!) a sugestão precisa de «eclipsar a vida» para *ἀμανροὶ ζῶαν* no n. 816 («Quem, infeliz, é que te fez eclipsar a vida?», p. 52).

Nem sempre, é certo, as ousadias de adaptação estilística (sobretudo vocabular) conduzem aos efeitos mais frutuosos: inadequado afigura-se-nos, por exemplo, o termo «descalabro» com que, na actual versão, Fedra define a situação criada pela aia, e que o grego *τὰ νῦν πεπτωκότα* (v. 718, cf. p. 48) não justifica; igual estranheza poderá sentir-se quando, num contexto plenamente trágico, ouvimos dizer a Hipólito que está «siderado» (*πέπληγμαι*) ou Teseu perguntar se a vida lhe «pilhou» (*σνλᾶται*, v. 799) algum dos filhos. Estes e outros deslizes não empanam, desnecessário será dizer, o merecimento de uma versão meditada e corajosa, avessa à prosódia rígida a que a generalidade dos tradutores clássicos nos habituou e que, além do mais, proporciona belos momentos de convívio estético e literário.

No tocante à bibliografia e às notas, discretas mas esclarecedoras, que se reparam pela *Introdução* e pelo texto, há a notar ainda uma faceta deveras simpática: não apenas o seu carácter selectivo, que poupa o leitor a grandes excursos e citações, como a preocupação óbvia de incluir, numa dose significativa, referências a estudos portugueses onde eles se revelam pertinentes. Só assim, na conjugação de esforços para combater a proverbial atrofia do nosso sistema investigativo, realçando e aprofundando sendas já de algum modo desbravadas entre nós, se logrará impor os estudos clássicos em Portugal como uma tradição e um valor próprio. Ainda nesse aspecto de «militância cívica» o trabalho de F. Lourenço é modelar — e um exemplo a seguir para os futuros colaboradores da colecção *Mare Nostrum* que, após a extinção do INIC (responsável pelo conjunto mais válido de divulgação de autores clássicos) a Faculdade de Letras de Lisboa decidiu oportunamente inaugurar.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

AMPARO GAOS SCHMIDT, *Cicerón y la elocuencia*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1993, 273 pp.

A Retórica, disciplina onde Cícero assume importância inegável, tem vindo a merecer particular atenção nos últimos anos. Não surpreende, por isso, que a eloquência ciceroniana suscite o interesse dos estudiosos.

Este livro de Amparo Gaos Schmidt surge dentro desse contexto; apesar disso, melhor lhe caberia, talvez, o título de «Cícero e a razão» ou «Cícero e a racionalidade» ou, para ser mais preciso, «A racionalidade da eloquência ciceroniana». Comprovam-no, desde logo, os títulos dos diversos capítulos: «El racional mundo ciceroniano» (cap. II); «La naturaleza y el poderío de la razón» (cap. III); «La razón, fuente de